

Collor inquieta os outros

por José Casado
de Brasília
(Continuação da 1ª página)

"Collor é apenas propaganda bem feita." O líder do PMDB, candidato Ulysses Guimarães, recebia com visível ar contrariado informações de que a mais recente pesquisa patrocinada pelo governador paulista Orestes Quêrcia nos duzentos maiores municípios de São Paulo indicava Collor na ponta, com índices variáveis de 23 a 28%. "Ainda temos muito tempo", respondia.

A resistência a Ulysses no seu partido ficou, outra vez, explícita na convenção de sábado. A aberta desconfiância de Arraes somou-se a pública falta de entusiasmo com o candidato dos governadores Tasso Jereissati (Ceará), Geraldo Mello (Rio Grande do Norte), Newton Cardoso (Minas Gerais), Alvaro Dias (Paraná), Marcelo Miranda (Mato Grosso) e Tarcísio Burty (Paraíba).

Metade dos governadores do PMDB simplesmente apareceu em Brasília. Alguns, como Jereissati, mandaram emissários informar sobre a disponibilidade de depoimentos gravados de dezenas de prefeitos cearenses indicando a "inviabilidade" de Ulysses. Outros, como Cardoso, demonstraram falta de ânimo para evitar que dois terços dos 76 convencionais de seu Estado deixassem de comparecer.

Um deles, Burty, da Paraíba, apenas mandou comunicar que está pronto para ingressar no PRN, o partido de Collor, nos próximos dias, com toda a estrutura eleitoral que lhe garantiu 63% dos votos válidos no seu estado, no pleito de 1986.

Outros, mais fiéis, tentavam argumentar. Orestes Quêrcia, governador de São Paulo, lembrava que a

campanha do PMDB no rádio e televisão nem sequer começou, acrescentando: "Ulysses ainda pode ser o vencedor". Francisco Pinto, deputado baiano, reunia pequenos grupos de convencionais e insistia: "Ulysses é um candidato difícil, mas ainda é eleitoravelmente viável".

Jarbas Vasconcellos, presidente do PMDB, anunciava que, mesmo contra a vontade da ala esquerda do partido, vai tentar negociar uma composição com os ministros do governo José Sarney, nesta semana.

No PFL, a tendência de vitória do ex-ministro Aureliano Chaves, na prévia de domingo — confirmada ontem à noite —, ampliava a confusão. "Não tenho vocação para síndico de massa falida", desabafava o presidente do partido, senador Hugo Napoleão (Piauí). O deputado Simão Sessim (Rio) completava: "Sair sem candidato viável é suicídio".

Líderes do PFL, como os senadores Carlos Chiarelli, Jorge Bornhausen, o prefeito do Recife, Joaquim Francisco, e o deputado

Gilson Machado, começavam a debater opções eleitorais, detendo-se em Collor e Brizola.

A essa caravana política pode juntar-se parte do PDS e do PTB, como efeito da diluição da força eleitoral dos adversários de Collor — com exceção de Brizola, que se mantém estável nas pesquisas. "Ele é um produto puro, representa a promessa de moralidade que, em 1960, levou Jânio Quadros à Presidência", indicava, ontem, o deputado Delfim Netto, presidente do PDS, outro partido cujo candidato oficial, Paulo Maluf, não encanta as bases. O senador João Castelo (Maranhão) anunciou, no fim de semana, sua adesão a Collor.

Aparentemente, o ex-governador de Alagoas está ocupando o espaço tradicional do ex-presidente Jânio Quadros, que reluta em assumir a candidatura. Seu avanço nas pesquisas está confundindo velhos aliados de Jânio, especialmente os do PTB, como o líder na Câmara, Gastone Righi.

Outros, como o presidente do partido, Paiva Muniz, presidente da estatal Data-

mec, iniciaram gestões com Brizola — neste caso, acompanhado dos ex-governadores Roberto Magalhães (Pernambuco) e Luiz Gonzaga Motta (Ceará).

"O fato é que Collor está tendo sobre a sucessão, neste momento, o efeito de um 'limpa-trilha'", constata Guilherme Afif Domingos, candidato do PL.

Mas a melhor demonstração do "efeito" Collor na estrutura dos partidos, neste início do processo sucessório, talvez esteja em Minas Gerais. O chefe local do PRN, Naim Gonçalves, anunciou ontem ter conseguido ampliar de 70 mil para 450 mil, em apenas 40 dias, o número de filiados, adeptos da candidatura Collor.

Transformar tudo isso em votos, dentro de 203 dias, é o desafio do ex-governador de Alagoas. A possibilidade de que não consiga é real: a partir desta semana, por exemplo, ele une contra si a força de políticos tão diferentes quanto o deputado José Lourenço (Bahia), da ala governista do PFL, os candidatos Leonel Brizola (PDT) e Lula (PT) — cada um munido de documentos e disposto a atacá-lo.

A passagem de Collor pelo governo alagoano deverá, no meio disso, ser desatada: quando saiu, há uma semana, deixou uma folha de pagamentos de pessoal de NCz\$ 30 milhões, equivalente ao dobro da arrecadação, e o funcionalismo recebendo com trinta dias de atraso, há exatos sete meses.

Collor, porém, já conseguiu mudar o rumo da sucessão.

E deixou os líderes políticos tradicionais com uma dúvida, cuja resposta só será possível nos próximos meses: como conseguiu tanto, em tão pouco tempo.